



UMBANDA: conhecer para desmistificar

RIBEIRO, Vinny Héller Conrado Lima¹

RESUMO

Este artigo tem como proposta mostrar como se deu a fundação da Umbanda, religião criada no Brasil no início do século XX, época em que o país passava por um momento de transição sociocultural e em que uma sociedade urbano-industrial começava a ser instaurada. Fruto de uma hibridação entre elementos culturais diversos, como os dos indígenas nacionais, do Candomblé afro-brasileiro e do Kardecismo francês que acabava de chegar ao Brasil, a Umbanda buscava ser uma religião brasileira e que se orgulhava disso. Este trabalho apresenta ainda algumas considerações a respeito da interpretação mais recorrente em relação ao universo das práticas e crenças umbandistas, no que diz respeito ao seu processo histórico de constituição. Partindo de um levantamento bibliográfico inicial (trabalhos acadêmicos e livros e revistas umbandistas), busca evidenciar indícios de como tanto entre os adeptos quanto entre os estudiosos da umbanda subjaz um modo de compreensão dessa religião profundamente embasado numa lógica identitária restritiva.

Palavras-chave: Umbanda. Lógica identitária. Religiões afro-brasileiras.

INTRODUÇÃO

É imprescindível perceber que a religião umbandista configura-se pela mistura de três importantes vertentes que é o espiritismo, os rituais indígenas e a matriz africana. Indescribivelmente, um tema central nas discussões a respeito da umbanda sempre foi à questão das origens da religião, o “problema do surgimento” (Giumbelli 2002: 196) que mobilizou e mobiliza diversas opiniões entre os adeptos e os estudiosos.

Alguns autores acadêmicos referem-se à umbanda como sendo o resultado de uma síntese transformadora, algo novo que se diferencia de todas as vertentes que contribuíram com aspectos culturais em sua formação. Esta religião seria então, na visão de Ortiz (1999),

¹ RIBEIRO, Vinny Héller Conrado Lima. Bacharelado do curso de Direito no Instituto de Educação Superior Raimundo Sá, presentemente matriculado no I período. E-mail: vinnyconrado@hotmail.com.

seguido por Oliveira (2008), um produto direto das transformações ocorridas em um determinado período no contexto da sociedade brasileira. Um movimento de transformação social corresponde um movimento de mudança cultural, isto é, as crenças e práticas afro-brasileiras se modificam tomando um novo significado dentro do conjunto da sociedade global brasileira.

A Umbanda e seus elementos simbólicos e ritualísticos, bem como a sua mitologia fundadora e práticas normatizadoras da vida cotidiana de seus seguidores ao longo do tempo, estão diretamente relacionados e tornam-se elementos de reflexão nesse trabalho. Para tanto, se faz necessário tomar como referência e fazendo parte deste estudo da religiosidade, as influências de grupos étnicos, responsáveis pela formação do povo brasileiro, para compreender-se questões culturais, práticas e rituais religiosos resultantes de um longo e forte hibridismo cultural (BURKE, 2003).

Dessa forma, ao tratar aqui da Umbanda, deve-se estar atento para as suas características principais, que a fazem portadora do referenciado hibridismo cultural supracitado. Dessa forma, entende-se que:

A umbanda é chamada de “a religião brasileira” por excelência, num sincretismo que reúne o catolicismo branco, a tradição dos orixás da vertente negra e símbolos e os espíritos de inspiração indígena, contemplando as três fontes básicas do Brasil mestiço. (PRANDI, 2003: p.20)

Ao analisar-se a Umbanda e seu surgimento, algumas ressalvas são importantes, como o seu caráter de proximidade com as classes menos favorecidas econômica e socialmente, como afirma Prandi, citando Fry: “A umbanda atende aos anseios das camadas mais pobres.” Ainda é possível observarmos esta mesma característica a partir do culto às figuras marginais de nossa sociedade, já que “A umbanda caracterizou-se por cultuar figuras nacionais associadas à natureza, à marginalidade, à condição subalterna em relação ao padrão branco ocidental” (PRANDI, 2001).

Assim, reporta-se à algumas questões, como: movimentos negro e seu processo de desenvolvimento social, a luta pela tão sonhada “democracia racial”; em especial de cunho religioso, tem-se que levar em conta toda a sua história, sua cultura e seu povo na construção social, assim como na luta para conquistar um espaço de igualdade dentro da sociedade vigente. Segundo o autor:

A partir da luta dos movimentos sociais que no Brasil começam a tomar forma a partir da década de 1970 e se consolidam nos anos de 1980, entre

estas os vários movimentos de valorização da cultura negra, os espaços-terreiros passam a adquirir outras configurações, e são pensados pelos estudiosos e adeptos como espaços de militância social negra frente a questões socioeconômicas da sociedade nacional. (GOMBERG, p.343, IN: PINHEIRO; PELEGINI, (Ogrs), 2010)

Levando em consideração a sua história e como os movimentos negros ajudaram a se posicionarem dentro da sociedade na luta contra o racismo e discriminação, enquanto, organizações sociais vão buscar referências para reafirmar sua legitimidade diante de práticas culturais afro-brasileiras.

1. ACULTURAÇÃO E SINCRETISMO RELIGIOSO

A aculturação é o fenômeno que se dá através de contatos culturais diretos e contínuos entre grupos de culturas diferentes, o que acarreta numa mudança cultural em cada um dos grupos. Todavia, nos dias de hoje, com a possibilidade cada vez mais abrangente e simultânea de alcance dos meios de comunicação, esse fenômeno já se torna possível a necessidade do contato físico. Para entender esse processo, deve-se estudar a comunidade de origem, o contato cultural, a análise da aculturação, o papel do indivíduo no contato cultural, os resultados da aculturação e a comunidade atual. Isto significa estudar, a partir de um ponto zero, a comunidade de origem em direção à comunidade atual. Canclini diz entender hibridação como “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas”. (CANCLINI, 2011, p. XXI) .

Um exemplo de aculturação ou hibridação cultural é o sincretismo que se refere à combinação de práticas religiosas tradicionais, devido à intensificação de migrações que resultam na mistura de religiões. Isto vem se dando com muita frequência, assim como a intercontinental difusão de crenças e rituais do século passado, o que faz até aumentar a tolerância em relação a estes. Em países como Brasil, Haiti, Cuba e Estados Unidos, já tornou-se frequente a dupla ou até a tripla religiosidade, como, por exemplo, ser católico e participar de cultos afro-brasileiros ou cerimônias budistas. Também é possível falar em sincretismo religioso quando, mesmo pertencendo a uma religião diferente, busca-se ajuda para enfermidades com remédios indígenas, orientais, águas fluidificadas do Espiritismo ou, ainda, remédios homeopáticos receitados por médiuns.

Portanto, o surgimento da Umbanda coincide justamente com a consolidação da sociedade urbano-industrial, ou seja, um momento de mudança cultural. Portanto, foi necessário, para este artigo, estudar como se deu a integração do mundo religioso afrobrasileiro com a moderna sociedade atual, que resultaram numa nova religião através da hibridação cultural.

2. RELIGIÃO

Durante o período chamado de Idade Média, eram raros os descrentes a Deus. Tão poucos eram eles, que não ser religioso era quase como ser considerado portador de uma doença contagiosa, a ponto de ter-se que viver escondido. Muitos dos que revelaram não ser religiosos foram queimados na fogueira, a fim de não contaminarem os inocentes. Porém, com o avanço da ciência, o universo começou a ser explicado de acordo com o ceticismo e o encanto se quebrou. Assim, uma pessoa sem religião não é mais considerada uma anomalia.

Contudo, a religião e os religiosos continuam e provavelmente sempre continuarão a existir. Quando para uma doença, nem a ciência nem a tecnologia oferecem solução e o desespero se acentua, sente-se muitas vezes a necessidade de recorrer a um curandeiro, benzedeiro, exorcista, médium, sacerdote, ou seja, aqueles que podem explicar o inexplicável e curar o que parece não ter remédio.

Acima de tudo, procura-se neles a explicação para o sentido da vida, o que faz com que ausência de atos lamentáveis e de lugares sagrados não resultem na descrença da religião. Dessa forma, para Rubem Alves (1986), a religião está diretamente relacionada à cultura, sendo que esta faz o homem se diferenciar dos animais. Aqui está uma criança recém-nascida. Do ponto de vista genético ela já se encontra totalmente determinada: cor de pele, dos olhos, tipo de sangue, sexo, suscetibilidade e enfermidades. Mas como ela será? Gostará de música? De que música? Que língua falará? E qual será o seu estilo? Por que ideias e valores lutará? E que coisas sairão de suas mãos? E aqui, os geneticistas, por maiores que sejam seus conhecimentos, terão que se calar. Porque o homem, diferentemente do animal que é seu corpo, tem seu corpo. Não é o corpo que o faz. É ele que faz o seu corpo.(ALVES, 1986)

Assim, fazendo parte da cultura e da mesma forma que ela, a religião é uma rede de símbolos, em que tudo tem um significado maior do que o concreto, como altares, santuários,

comidas, fumaça, imagens, templos, colares, livros, além de gestos e silêncios, canções, adorações, milagres, renúncias, entre outros.

De acordo com Rubem Alves (1986), a religião é constituída por símbolos que os homens usam e sentidos que dão à vida e ao que acontece nela. Porém, os homens são diferentes, o que torna seus mundos sagrados também diferentes. Coisas que assumem valores distintos e imaginários para homens de religiões e culturas distintas fazem objetos e atos de importância secundária se tornarem sagrados.

3. A UMBANDA

A Umbanda é uma religião cujos cultos são baseados na possessão, na qual os médiuns entram em transe e recebem os guias, na qual estes são cultuados e dão atendimento aos adeptos, a fim de ajudar aqueles que com eles desejam se consultar. Segundo Renato Ortiz: "A possessão é portanto o elemento central do culto, permitindo a descida dos espíritos do reino da luz, da corte de Aruanda, que cavalgam a montaria da qual eles são senhores." (ORTIZ, 1999, p. 71)

As entidades umbandistas são divididas entre espíritos de luz e espíritos das trevas. Entre os espíritos de luz estão os caboclos, pretos-velhos e crianças, que conforme a concepção cristã que concebe uma dicotomia entre o bem e o mal, 13 trabalham para o bem, enquanto os espíritos das trevas, que são os exus, devido a sua ambivalência, podem trabalhar tanto para o bem quanto para o mal.

Na Umbanda os caboclos representam a força e o vigor do homem adulto, os pretos-velhos, a sabedoria da velhice, enquanto as crianças simbolizam a pureza e a inocência. Estas não trabalham durante o culto, posto que uma criança não deve trabalhar. São importantes para limpar com sua pureza o terreiro depois da descida dos Exus. Segundo Birman (1885), terminar a gira com crianças é uma maneira de afastar os espíritos obsessores e de baixa vibração.

O Universo Umbandista é monoteísta, que se fundamenta na existência de um deus único, e onipotente, podendo ser chamado de Olorum, Zambi, ou mesmo de Deus, onde assim como na Igreja Católica, não possui uma representação visível. Porém não é venerado nos cultos, sua função é apenas de criar o mundo e os fundamentos da religião. Apenas seus

subordinados são cultuados, pois são estes que fazem o contato com mundo terreno para levar ajuda a quem lhes pede. Conforme a concepção católica, os orixás fazem analogia aos santos, ficando como intermediários entre o sagrado e o profano, estando desta maneira mais próximo dos homens o que o próprio Deus, apesar de não descerem no corpo dos adeptos.

Segundo Ortiz (1999), abaixo dos orixás vêm as sete Linhas da Umbanda, formada por exércitos de espíritos, onde cada linha obedece a um orixá. Estas linhas, que também podem ser chamadas de vibrações são divididas em sete legiões, que também se subdividem, firmando cada uma destas sete falanges e assim sucessivamente, de maneira infinita. Na parte inferior desta pirâmide encontrando-se os guias e protetores, que estabelecem a comunicação direta entre o mundo profano dos homens e o sagrado dos orixás.

Nessa premissa, as vibrações são emitidas pelos orixás, que as transmitem às falanges, que as repassam para as subfalanges e assim vai, até que cheguem nos guias e estes através do corpo de um médium, transmitam aos homens, para ajuda-los a superar seus problemas e sofrimentos. Conforme as entidades vão conseguindo ajudar os homens, vão se evoluindo espiritualmente no reino de Aruanda. Para a Umbanda, tanto no mundo profano quanto no sagrado, é a caridade que leva o espírito à evolução.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É interessante observar que, assim como mostra Ortiz (1999), o Kardecismo e o Catolicismo continuam fornecendo adeptos à Umbanda, porém tais adeptos não deixam de continuar frequentando esporadicamente sua antiga religião, o que mostra uma das questões da diversidade cultural dentro da Umbanda. Todavia, ainda que as federações se esforcem para associar a Umbanda a uma religião branca, voltada ao bem e à caridade e de rituais ocidentais com a participação do Exu-doutrinado, e que a Igreja Católica e a polícia tenham deixado de persegui-la, o senso comum não tem uma informação real sobre esta religião e ainda mantém a imagem inicialmente criada, transmitida e rotulada pelo Catolicismo.

De acordo com as entrevistas, constatamos que o preconceito ainda é muito grande e que a Umbanda ainda está relacionada a uma religião que afasta seus fiéis de Deus, voltada à magia negra e que serve para que seus adeptos pratiquem o mal e consigam vantagens graças a trabalhos realizados, pagos com sacrifícios animais, despachos, entre outros.

Por sua vez, posto que a Umbanda não é uma religião que visa pregar sua ideologia fora dos terreiros e tampouco persuadir pessoas a mudarem de religião, essa imagem preconceituosa ainda tende a perdurar por mais tempo. Além disso, o preconceito que seus adeptos sentem ao se identificarem como umbandistas faz com que, na maioria das vezes, prefiram omitir sua religião ao invés de tentar explicá-la e de mudar a imagem criada sobre ela, mantendo, assim, o costume de escondê-la, apesar de acreditarem nela. Todavia, o número de terreiros cresce cada vez mais desde seu surgimento e está consolidada como uma religião brasileira. Pouco a pouco, a Umbanda vem conquistando seu espaço e cada vez mais adeptos, sendo de importância inquestionável para a cultura do Brasil.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **O que é religião**. 9ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BIRMAN, P. **O que é umbanda**. São Paulo, Abril Cultural, Brasiliense, 1985.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro. Jorge Zahar editor, 2003.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Edusp, 2011.

GUIMBRELLI, E.2002. “ **Zélio de Moraes e as origens da umbanda no Rio de Janeiro**. São Paulo, Summus.

OLIVEIRA, J.H.M 2008. **Das macumbas a umbanda: uma análise histórica de uma religião brasileira**. Limeira. Editora do conhecimento.

ORTIZ, Renato. **A morte branca do feiticeiro negro: umbanda e sociedade brasileira**. São Paulo: Brasiliense,1999.

PRANDI, Reginaldo. **Os candomblés de São Paulo**. São Paulo, Hucitec, 2001.